

PARA ALÉM DO SÁBADO: CARTAS ENTRE PEDRO NAVA E OS SABADOYLIANOS

BEYOND SATURDAY: LETTERS BETWEEN PEDRO NAVA AND OTHER SABADOYLIANOS

Greyce Kely Piovesan¹

Resumo:

A correspondência privada dos intelectuais vem sendo tratada pelos historiadores como *locus* fundamental de sociabilidade, principalmente nos estudos que se concentram no período anterior à explosão da comunicação virtual. O médico-memorialista Pedro Nava mantivera o hábito se relacionar pela via epistolar com diversos escritores e homens de letras contemporâneos seus. Grande parte desses *presentes de papel* foram guardados pelo seu destinatário e estão acessíveis aos pesquisadores. Neste trabalho, pretendo refletir sobre a troca epistolar entre Pedro Nava e seus amigos do *Sabadoyle* (reuniões freqüentadas por literatos, homens e mulheres de letras, aos sábados, na casa do bibliófilo Plínio Doyle, no Rio de Janeiro), tratando a carta como uma escrita de si e uma prática

cultural de uma época, servindo para fortalecer e manter os laços de amizade e sociabilidade.

Palavras-chave: sociabilidade intelectual, Pedro Nava, estudo de cartas.

Abstract:

The intellectual private letters is treated by historians as basic sociability locus, mainly on studies that concern the former period to the virtual communication burst. The memoirist-physician Pedro Nava kept the habit of relating through epistolary with several of his own contemporary writers and literary men. Notable pieces of those papers gift had been kept by his receiver and are accessible to researchers. In this paper, I intend to consider the epistolary changes between Pedro Nava

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: greyceck2002@yahoo.com.br

and his friends in the *Sabadoyle* (meetings visited by literary lettered men and women, on Saturday, at Plínio Doyle's house, in Rio de Janeiro), treating the letter as a writing of themselves and a cultural practice of a period, serving to consolidate and keep ties or friendship and sociability.

Keywords: intelectual sociability, Pedro Nava, study of letters.

A correspondência privada dos intelectuais vem sendo tratada pelos historiadores como *locus* fundamental de sociabilidade, principalmente nos estudos que se concentram no período anterior à explosão da comunicação virtual.

Desta forma a correspondência assegura uma aproximação das formas de estruturação do campo intelectual em um dado momento e lugar, permitindo que se investigue como funciona esse pequeno mundo e como podemos entender a própria noção de intelectual (GOMES, 2004, p. 53).

Segundo Bourdieu, o campo intelectual é uma “rede de posições intelectuais variadas que se definem pelas relações que têm entre si e pelo lugar que ocupam no campo como um todo, a autoridade ou poder simbó-

lico dos agentes intelectuais sendo diferentes e competindo, por assim dizer, pela hegemonia” (BOURDIEU, 1993, apud PALHARES, 2005, p. 19). As posições intelectuais de um campo estão enraizadas na cultura da época e são perpetuadas pelas relações sociais e práticas tradicionais consagradas.

Desta forma, para entendermos um intelectual e as formas de continuidade e transgressão do mundo cultural que herdou, é importante a busca do campo intelectual a que o autor pertenceu.

Pedro Nava atuou como médico por mais de cinquenta anos de sua vida e, mesmo sem se envolver diretamente como escritor antes dos livros de memórias, esteve inserido em alguns círculos culturais através de suas aproximações com o mundo das letras. Segundo Nava

Tudo começou quando Drummond fez cinquenta anos, e me pediram para escrever alguma coisa. E eu escrevi uma coisa chamada ‘Evocação da Rua da Bahia’. E essa Evocação foi sendo transcrita em vários jornais, e caiu mais ou menos no conhecimento de todo mundo. Fernando Sabino e Otto Lara Resende, que gostaram muito, viviam me repetindo: ‘Você tem que escrever

suas memórias, tem que contar aquelas histórias de Belo Horizonte...’ E eu fiquei tentado em contar nossa vida estudantil de Belo Horizonte. Mas achei um contra-senso só contar isso. Então, resolvi começar do princípio. (NAVA apud KAZ, s/d).

Este relato do próprio memorialista mostra que antes mesmo da escrita das memórias o médico já mantinha relações com outros intelectuais, ao menos seus conterrâneos de Minas.

Nos estudos sobre círculos intelectuais é comum discussões acerca destas redes de sociabilidade e de suas especificidades, sua organização interna e suas formas de relações estabelecidas com a sociedade. Frequentemente se têm analisado a demarcação das especificidades que unem e delimitam estes círculos, assim como a articulação entre a organização e funcionamento interno do meio intelectual e os modos de atuação de seus agentes, especialmente no plano político. Segundo Michel Trebitsch, os lugares de sociabilidade são uma das condições fundamentais para o trabalho intelectual (TREBITSCH apud GONTIJO, 2005, p. 60).

De acordo com Sirinelli (1996), os intelectuais se organizam a partir de uma sensibilidade ideoló-

gica ou cultural que lhes é comum e das afinidades que fazem a convivência ser prazerosa. Estas reuniões de homens e mulheres em torno das suas afinidades são estruturas organizacionais que se modificam conforme as épocas e os subgrupos de intelectuais analisados pelo pesquisador. Essas redes, por sua vez, alimentam os microclimas, onde os intelectuais desenvolvem suas atividades. É necessário levar em consideração todos os elementos que possam influenciar no funcionamento dos microclimas, como por exemplo, a sociedade da época, a cultura, os afetos e desafetos políticos, a tradição, etc.

Sendo assim, as redes de sociabilidade formadas pelos encontros aos sábados na casa de Plínio Doyle, os *Sabadoyles*, serviram como espaços de convivência, definidos por uma proximidade de espaço e de tempo onde a troca e a fermentação de idéias são compartilhadas, fornecendo pressupostos político-ideológicos mais ou menos comuns.

Essas “charlas sabatinas” (SENNA, 2000, p. 13) iniciaram-se nas vésperas do Natal de 1964, quando Carlos Drummond passou a frequentar a biblioteca do advogado e bibliófilo Plínio Doyle. Segundo o dono da casa:

Em fins de 1964, Carlos Drummond de Andrade iniciou uma série de visitas à minha residência, na Rua Barão de Jaguaripe, nº62, aos sábados, sempre às 15 horas, com a finalidade de consultar livros ou revistas da minha coleção, por simples curiosidade ou na procura de elementos para suas crônicas. Chegava, informava o que queria e conversávamos até às 17 horas em ponto, e íamos a pé até a Rua Conselheiro Lafaiete, onde o poeta encontrava a esposa, D. Dolores, para irem a um cinema [...] (DOYLE, 1999, p. 107)

Com o intuito de conseguir um prefácio do poeta itabirano para as poesias de Rui Barbosa que a *Casa de Rui* pretendia publicar², Américo Jacobina Lacombe, então diretor da Casa, passou a freqüentar também a biblioteca de Plínio Doyle aos sábados, continuando mesmo após a resposta negativa de Drummond, pois, segundo o bibliófilo, o poeta disse que não podia escrever o prefácio, por ser uma edição oficial, ele não falaria que as poesias eram ruins, mas também não poderia elogiá-las: eram fracas. No ano seguinte, esteve no Brasil um representante da *Academia de Estocolmo* que viera sondar Carlos Drummond para o

² As poesias foram publicadas em 1971, com o prefácio do presidente da instituição.

Prêmio Nobel e procurou primeiramente o editor José Olympio para interceder junto ao indicado. Juntou-se Plínio Doyle, Paulo Rónai e Antônio Houaiss num sábado à tarde para convencer o poeta ao menos a não escrever uma crônica recusando o convite, afinal, seria uma missão quase impossível fazê-lo aceitar a indicação ao prêmio. “O compromisso dele era apenas de ficar calado, sem nada dizer sobre o assunto; assumiu o compromisso de nada dizer, mas não aceitava concorrer ao prêmio, não queria ver seu nome indicado” (DOYLE, 1999, p. 108).

Desta forma, o apartamento da Rua Barão do Jaguaripe, número 62, passou a ser, primeiramente, o lugar para se encontrar Carlos Drummond de Andrade, que não era muito afeito às aparições públicas³. Plínio Doyle, em sua autobiografia intitulada *Uma vida*, citou alguns nomes dos primeiros *sabadoylianos*:

³Pedro Nava na ata comemorativa do 80º aniversário do poeta Drummond, em 30 de outubro de 1982, escreveu sobre o jeito arredo do amigo: “o jeito modesto, antivaídosos e contra toma-lugares que é uma das características de Carlos Drummond de Andrade é comentado com má vontade pelos que não entendem aquelas qualidades senão como orgulho e soberba. Estas palavras malevolentes e inverdadeiras, já tenho ouvido, mas sempre protestando contra elas. [...] Ele é apenas um homem que sabe defender duas coisas que são só dele e de que ninguém pode participar e dividir com ele. O seu tempo. O seu direito à solidão”. (SENNA, 2000, p. 89).

Não sei qual foi o primeiro grupo que se formou ao lado de Drummond. Sei que Lacombe, Joaquim Inojosa, Peregrino Júnior (meu vizinho do 65), Aurélio Buarque de Holanda, Ciro dos Anjos, Luís Viana Filho, Afonso Arinos, Wilson Martins, Raul Bopp, Murilo Araújo (meu vizinho do 58), Mário da Silva Brito e mais alguns, cujos nomes me escapam, frequentavam o Sabadoyle (ainda não tinha esse nome), na casa 62 da Rua Barão do Jaguaripe [...] (DOYLE, 1999, p. 108)

Essa *Confraria literária* (SENNA, 2000), que reunia escritores e amigos dos livros, passou a ter seus encontros registrados em *Atas* a partir de 1972, sugestão do dono da casa, amante dos registros em papel e colecionador de manuscritos e autógrafos, que não perdeu a oportunidade de colher assinaturas e novidades literárias de diversos intelectuais. As *Atas do Sabadoyle* são obras de grande valor literário, feitas no calor da hora por diversos frequentadores assíduos ou eventuais. Entre os que compuseram esses manuscritos estão: Alphonsus de Guimarães Filho, advogado-poeta mineiro, Henrique de Resende, o delicado poeta de Minas, que se assinava Enrique, e em outros tempos dirigira a revista *Verde*, de Cataguases e depois se tornou assíduo

nos encontros, Gilberto Mendonça Teles, crítico literário goiano, Carlos Drummond, o iniciador das reuniões, Raul Bopp, o gaúcho autor de *Cobra norato* e do termo *Sabadoyle*, Pedro Nava, o médico que surpreendeu como memorialista já em idade avançada, entre outros autores das mais de 1000 *Atas* dos mais de 1500 encontros (DOYLE, 1999, p. 116)⁴

Os frequentadores do *Sabadoyle*, na sua maioria em idade provecta, já não atuavam plenamente na literatura ou na política, porém, é importante atentar para o capital cultural e social adquiridos por esses intelectuais ao longo de suas vidas.

Pedro Nava, assíduo participante das “charlas sabatinas”, escreveu sua primeira *Ata* em outubro de 1977, comemorou aniversários, recebeu homenagens através das *Atas* escritas por amigos e as pres- tou, como naquela de 30 de outubro de 1982 dedicada ao amigo e aniversariante da ocasião que “foi senhor

⁴ Plínio Doyle forneceu os seguintes números: “ao escrever estas notas num domingo, 23 de junho de 1996, verifico que a ata de ontem teve o número 1.153, tendo sido a primeira, como já foi dito, a de 11 de novembro de 1972; como as reuniões do *Sabadoyle* tiveram início no Natal de 1964, entre uma data e outra houve 409 Sabadoyles sem ata, o que significa, ao todo, 1.562 reuniões. Como a presença média era de 15 sabadoylianos por reunião, chegamos ao total de 23.430 comparecimentos”. (DOYLE, 1999, p. 109).

de seus caminhos” (SENNA, 2000, p. 154) ⁵, Carlos Drummond de Andrade.

Apesar dos encontros frequentes na casa do amante dos livros Plínio Doyle, encontramos no arquivo de Pedro Nava cartas remetidas por estes senhores ao médico-memorialista. A presença destas missivas mostra que a distância e a ausência não eram as únicas motivações para a efetivação do ato de escrever cartas⁶, pois o tempo entre os encontros pessoais não era tão grande a ponto de requerer o envio de uma carta, levando em conta a morosidade dos serviços do correio.

Desta forma, acreditamos na existência de uma cultura epistolar que serviu para estender e reforçar os diálogos tidos ou antecipar partes dos que viriam a ter esses homens. Assim, podemos perceber que as cartas enviadas pelos frequentadores do *Sabadoye*, mostram a existência de uma cultura epistolar que se manteve apesar dos encontros pessoais e dos telefonemas trocados entre os missivistas.

⁵ Ata escrita por Nava em 30 de outubro de 1982.

⁶ “Distância e ausência são, ainda hoje, motores para a efetivação do ato de escrever cartas, de se corresponder. Cartas movem-se na presença e ausência, ao mesmo tempo em que, à distância, mantêm vínculos”. (BASTOS, 2002. p.5).

Através do *Inventário do Arquivo Pedro Nava* e, posteriormente, da leitura das correspondências contidas no próprio arquivo, selecionamos 13 remetentes frequentadores mais assíduos do *Sabadoye* que enviaram cartas ao médico-memorialista. Os frequentadores do *Sabadoye* não remetiam cartas com assiduidade, afinal a frequência dos encontros pessoais e os possíveis contatos pelo telefone bastavam para efetivar a amizade através da comunicação. Os remetentes mais assíduos são Drummond e Afonso Arinos, pois mantiveram a troca epistolar com Pedro Nava muito antes de existir a *Confraria literária* na casa de Doyle, através da amizade iniciada na década de 1920 que se estendeu para outro tempo e lugar, o Rio de Janeiro das décadas de 1970 e 1980.

O primeiro remetente selecionado foi também o primeiro frequentador do *Sabadoye*, praticamente o inventor dos encontros. Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que fora amigo de Nava desde a década de 1920, companheiro do *Café estrela* e das vivências juvenis em Belo Horizonte, é um dos remetentes mais assíduos presentes no arquivo do médico-memorialista: 32 cartas que cobrem o período entre setembro de 1947 a novembro de 1983. Carlos, como

costumava assinar as missivas, por conhecer os talentos literários de Nava o incentivava a escrever mais, muito antes das memórias. Em uma carta de 1947 o poeta clamou ao médico para que este fosse um escritor brasileiro, elogiando *Território de epidauro* (lançado no ano em que a carta foi escrita). Na segunda carta guardada pelo destinatário, Drummond elogia a fala do médico: “Meu caro Nava: que beleza de discurso! E dizer que você, além de especialista insigne na medicina, se recusa a ser escritor público, dominando tão bem a expressão literária! abraço agradecido e amigo de seu velho Carlos.” (DRUMMOND, 1965, PN 38/AMLB/FCRB).

O poeta itabirano incentivou o futuro memorialista a escrever mais, acreditando no talento daquele que Mário de Andrade considerou o melhor dos jovens mineiros no momento que os conheceu:

Quanto à poesia dele [de Pedro Nava] não sei ainda, porém me parece que será o mais batuta de vocês todos. Como poeta. Você tem elemento lírico mais sutil, mais intenso mesmo, é difícil de explicar assim de sopetão em carta e não estou pra fazer desde já artigo sobre vocês, quero esperar mais um pouco, porém

você me parece mais perto do Manuel, Nava me parece mais perto do Guilherme (de Almeida) e de Ronald (de Carvalho) (ANDRADE, 1982, p.45).

As epístolas de Drummond para Nava, ao menos as que foram guardadas pelo destinatário, na sua maioria, são posteriores a publicação de *Bau de ossos*, momento em que os dois passaram a ter mais tempo de convívio em locais de sociabilidade intelectual frequentados por sua geração, como, por exemplo, o *Sabadoyle*. Nava aposentou-se em 1968 do exercício médico, dedicando-se totalmente à escrita das memórias e ao convívio, ainda que pouco, com os amigos e colegas amantes das letras.

Desta forma, 28 das 32 cartas datam do período posterior a 1972, e trouxeram até Nava recortes de jornais sobre sua obra; recados da filha de Drummond; Maria Julieta que recebera o memorialista e sua esposa em Buenos Aires, em 1980; agradecimento por livros emprestados e sugestões de mudanças para os livros de memórias. Carlos Drummond era considerado pelos amigos um sujeito avesso às muitas palavras e aparções, mesmo com os mais íntimos. E não é diferente com o amigo Pedro Nava: as cartas na sua maioria são bilhetes, com poucas palavras, porém muito afetuosas

usando como tratamento inicial “Nava querido”, se remetendo algumas vezes também a Nieta Nava.

Cyro dos Anjos (1906-1994) tem três cartas de sua autoria presentes no arquivo de Nava, entre 1969 e 1974. Cyro, como costumava assinar, enviou uma cartinha antes da publicação de *Baú de ossos*, em 1969, agradecendo os cumprimentos por sua entrada na *Academia Brasileira de Letras*⁷, mostrando que Nava já frequentava, antes da publicação de *Baú do ossos* (1972), ao menos através de “correspondências-rede” (TREBITSCH, 1992) o mesmo círculo intelectual do remetente. As duas outras cartas foram enviadas por Cyro dos Anjos, de Brasília, ambas datadas de 1974 e timbradas com o cargo de Conselheiro do *Tribunal de Contas do Distrito Federal*. Uma das cartas é um agradecimento pelo envio de *Balão cativo*, identificando-se com a obra: “lí-o com enormíssimo interesse e, na parte de Belo Horizonte, com a emoção de quem ali viveu em quadra um pouco posterior, mas ainda

⁷ Cyro dos Anjos (C. Versiani dos A.), jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista, nasceu em Montes Claros, MG, em 5 de outubro de 1906, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 4 de agosto de 1994. Eleito em 1o de abril de 1969 para a Cadeira n. 24, na sucessão de Manuel Bandeira, foi recebido em 21 de outubro de 1969, pelo acadêmico Aurélio Buarque de Holanda. <http://www.academia.org.br/>

respirou a mesma atmosfera captada pelo menino que se esgueirava entre os grandes e ouvia tudo, guardava tudo” (ANJOS, 1974, PN48/AMLB/FCRB).

As cartas enviadas nos dias de semana muitas vezes completavam as conversas iniciadas durante as “charlas sabatinas”. O recurso da carta, além de fazer parte de uma cultura da escrita epistolar, serviu como complemento das relações estabelecidas nos lócus de sociabilidade intelectual.

Cyro dos Anjos, mesmo morando em Brasília, frequentava o *Sabadoye* em suas passagens pelo Rio de Janeiro. Em carta de 2 de setembro de 1974, o remetente completou através da epístola a conversa iniciada em uma das reuniões: “Fiquei de lhe mandar os dados editoriais da publicação sobre que conversamos no escritório do Plínio. Ei-los [...]” (ANJOS, 1974, PN48/AMLB/FCRB).

Raul Bopp (1898-1984), o gaúcho autor do termo *Sabadoye*, remeteu duas epístolas ao caro amigo Nava⁸, elogiando, na primeira, *Baú de ossos* e na segunda, *Balão cativo*. O signatário das cartas não cita o nome dos livros que elogia, somente: “Seu livro caro Nava um encantamento. Estou adorando o seu livro”

⁸ Tratamento usado pelo remetente.

(BOPP, 1974, PN128/AMLB/FCRB). Porém, através da datação das missivas podemos concluir que se trata dos dois primeiros livros de Pedro Nava, pois a primeira é de janeiro de 1974 (período que apenas *Bau de ossos* havia sido lançado) e a segunda de dezembro do mesmo ano, quando já tinha sido lançado *Balão cativo*, o segundo dos seis livros de memórias. A primeira correspondência remetida por Raul Bopp foi um telegrama que naquele tempo era uma forma rápida, no recebimento de informações e a quantidade de palavras, e eficiente de manter ativa uma rede de sociabilidade.

O poeta e crítico literário Mário da Silva Brito, que definiu as reuniões na casa de Doyle como o “pão nosso de cada sábado, amassado com o trigo limpo, claro, puro, da amizade” (BRITO apud SENNA, 2000, p. 30), assinou 2 missivas que foram guardadas por Pedro Nava, a primeira no ano de 1977 e a segunda em 1978, ambas enviadas do Rio de Janeiro. O tratamento inicial da primeira carta dado pelo remetente é “Mestre Nava” e após poucas palavras que acompanharam uma fita cassete com sonatas de violino, as despedidas foram feitas pelo “seu constante admirador”. As reuniões na casa de Doyle eram frequentemente citadas nas missivas trocadas entre os sabadoylianos, servin-

do também como uma extensão dos laços de amizade iniciados ou continuados nas reuniões de sábado. A segunda epístola enviada pelo autor de *Cartola de mágico* (BRITO, 1976) trouxe anexada a *Ata do Sabadoyle* de 5 de junho de 1976, redigida pelo remetente em homenagem ao aniversário de Pedro Nava. Pelas datas da carta e da *Ata*, vemos que se passou pelo menos dois anos entre a redação das duas.

Plínio Doyle (1906-2000) não causou surpresa ao constar na lista de remetentes de Nava. Porém, o número de missivas assinadas pelo advogado e amigo dos livros e dos escritores, decepciona os que esperam encontrar uma série de cartas remetidas por ele: há somente um bilhete, sem data nem local. Certamente, existem muitas razões para a escassez de epístolas assinadas por Plínio, mas como destinatário e remetente não podem mais esclarecer tais razões, cabe-nos tentar recompor o tecido devorado pelo tempo, tentando preenchê-lo com possibilidades. A primeira explicação possível seria a convivência assídua entre Nava e Doyle, não apenas através das reuniões de sábado, nas quais o médico-memorialista era uma presença constante, como também nos contatos estabelecidos através das doações feitas por Nava ao *Arquivo-Museu*

de *Literatura Brasileira*, fundado por Plínio e Drummond em 1972 que usaram seus contatos intelectuais para enriquecer o acervo com diversos materiais pertencentes a escritores brasileiros. Doyle foi diretor do *Arquivo* entre 1972 e 1990, organizando uma exposição sobre Pedro Nava em 1983 e recebendo doações do autor. Outra possibilidade seria o extravio de algumas missivas, porém esta parece mais remota se compararmos com a grande quantidade de documentos presentes no arquivo.

Mas como apontam os estudos, os epistolários são sempre lacunares, e, esta falta de documentos seria uma constante nos acervos de intelectuais. Não podemos limitar o mapeamento das redes de sociabilidade somente a esse tipo de fonte histórica. A amizade entre Nava e Doyle é evidenciada através dos relatos de terceiros e deles próprios. Em sua autobiografia, o bibliófilo citou diversas vezes o nome do memorialista amigo em todos os dias da semana, não apenas nos sábados de sua vida.

O bilhete de Doyle, guardado por Nava, serviu apenas para acompanhar uma capa de catálogo telefônico, em que aparece a foto que inspirou Drummond a escrever o poema *Triste horizonte*, em 1976, que

remete a Belo Horizonte da década de 1920 “mario-deandradamente celebrada”. O bilhete não traz data e como estamos no terreno das possibilidades, acrescidas de evidências históricas, a *Ata* de 14 de agosto de 1976 pode nos dar pistas: Péricles Madureira, autor da *Ata*, festeja através dela a publicação no *Jornal do Brasil* daquela manhã do poema “Triste horizonte”. Será que o bilhete foi enviado ainda no calor da hora da publicação do poema?

Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) foi amigo por toda a vida de Pedro Nava e foi quem lhe apresentou a esposa Nieta. Nascido em Belo Horizonte, o advogado e jurista vinha de uma tradicional família de políticos mineiros e envolveu-se na vida política nacional, foi professor de história e memorialista, ocupando em 1958 a cadeira de número 25 da *Academia Brasileira de Letras*⁹. Afonso Arinos freqüentava regularmente as “charlas sabatinas” e até 1974 havia redigido quatro “Atas-poemas”. Em várias *Atas* seu nome foi citado, em prosa e poesia, comemorando o lançamento de seus livros, os prêmios recebidos ou simplesmente apontando sua presença.

⁹ Mais informações sobre os ocupantes das cadeiras acadêmicas no site: www.academia.org.br

No arquivo de Nava estão 10 cartas enviadas pelo amigo Afonso Arinos, entre 1959 e 1981. No discurso de homenagem a Pedro Nava por ocasião de seu 80º aniversário, em 1983, Afonso Arinos mencionou a troca epistolar entre eles, muito tempo antes das memórias:

Nossa amizade fraterna consolidou-se para o resto da vida. Quando Nava deixou o Colégio, um ano antes de mim, passamos a trocar cartas copiosas, que imitavam Eça de Queirós. Rodrigo, meu primo, leu algumas e indagou de mim no seu jeito seco e sarcástico: trata-se de poeta ou de prosador? Ele seria uma e outra coisa, e mais cientista e pintor e amigo, o homem que vive e recolhe nos seus livros as águas da vida, as que caem do céu e as que rolam nas sarjetas, águas claras, lodosas, serenas ou revoltadas. Desde cedo Nava se anunciou, antes de produzir, na amizade de Mario de Andrade, de Drummond, na esperança dos amigos. Entre estes estava eu, que não esperava, mas sabia que era questão de tempo.¹⁰ (SENNÁ, 2000, p. 166).

As missivas trocadas durante a adolescência entre os dois e citadas no discurso de Arinos não se encon-

¹⁰ Discurso de homenagem a Pedro Nava na ocasião de seus 80 anos, escrito por Afonso Arinos de Melo Franco.

tram no arquivo de Nava. Certamente as cartas que foram conservadas não são todas as que Nava recebeu durante sua vida, portanto, como já afirmado, elas podem nos ajudar a mapear apenas uma parte da rede de sociabilidade do médico-memorialista. As epístolas com datas posteriores a 1972 (ano da publicação do primeiro livro de memórias) tratando das obras navianas são maioria no arquivo. As cartas anteriores a este ano são, em grande parte, de colegas ou instituições médicas ou de amigos de Minas Gerais, como é o caso de Arinos.

Os jovens moços do *Café estrela*, através da amizade estendida pelos anos, continuaram suas discussões no *Sabadoyle*, talvez um pouco menos “desatinados” (WERNECK, 1992), mas certamente com ainda mais histórias para contar. Há uma *Ata* escrita pelo próprio Nava em julho de 1982 mostrando como as lembranças da juventude fizeram parte das conversas dos mineiros nos encontros aos sábados:

Apesar de jamais ter assistido, nas reuniões do Sabadoyle, qualquer resposta em ata a atas anteriores, a última, assinada pelo nosso caro amigo Joaquim Inojosa, pede certos reparos e os resumo feito por mim de cena passada em Belo Horizonte no início dos anos vinte e

de que sou a única testemunha viva. Isto me obriga a um depoimento de absoluta verdade cujo penhor é o respeito que tenho pelos amigos mortos e participantes, como eu, dos fatos aludidos. [Passa a contar o caso de uma baderna que fizeram os moços no Cemitério do Bonfim na capital mineira] (SENNÁ, 2000, p. 146).

Afonso Arinos, conforme mostram os locais de onde foram remetidas as cartas, não usava o recurso da correspondência nos momentos em que estava no Rio de Janeiro: todas foram remetidas de outras cidades, senão outros países. As cartas trouxeram notícias das viagens, informações familiares, elogios e comentários sobre os livros de Nava acusando o recebimento dos mesmos, com um tratamento carinhoso e íntimo, estendido aos familiares de ambos.

Outro freqüentador do *Sabadoyle* e remetente de Pedro Nava, ainda que casual, foi o poeta mineiro Alphonsus Guimaraens Filho (1918-2008), o redator da primeira “Ata-poema”. A Nava ele remeteu apenas uma carta, agradecendo pelo envio de dois poemas escritos por seu pai e comentando sobre um erro tipográfico em um deles. A carta é de 1977, remetida do Rio de Janeiro e tem apenas uma folha. Não sabemos se existiram mais cartas do poeta para o memorialista,

mas nas *Atas* estão citados por várias vezes os nomes dos dois, presentes num mesmo sábado em que provavelmente ampliaram o diálogo que as epístolas não registraram.

O carioca Antônio Houaiss (1915-1999), já citado no curioso caso de tentativa de convencer Drummond a aceitar o Nobel, foi um dos primeiros sabadoylianos. Estudioso da língua portuguesa e lexicógrafo foi recebido, em 1971, pelo amigo Afonso Arinos de Melo Franco para ocupar a Cadeira de número 17 da *Academia Brasileira de Letras*, tornando-se, em 1996, presidente da instituição.

No arquivo de Pedro Nava encontram-se 4 cartas enviadas pelo autor do tão importante dicionário Houaiss. A primeira é de agosto de 1974 e se refere ao “querido Nava”, trazendo informações sobre termos da língua portuguesa, ao que parece, respondendo ao destinatário suas dúvidas. Após três páginas de explicações gramaticais, o remetente pergunta: “Basta?” E despede-se amorosamente com “Seu, do coração certo sempre Antonio Houaiss”. (HOUAISS, 1974, PN 455, AMLB/FCRB).

A segunda carta é de novembro de 1976 e remete a um encontro entre destinatário e remetente na casa de

Afonso Arinos. A epístola estendeu a conversa e consumou uma promessa de envio do poema *Lendo Pedro Nava*, de Nei Leandro de Castro. A leitura de um conjunto de epístolas enviadas por diferentes remetentes a um só destinatário, permite perceber a forma como as redes de sociabilidade funcionam e se mantêm através da troca de produções textuais e dos relatos de convivência em outros locais que esses intelectuais frequentaram, como a casa de Arinos, citada por Houaiss.

A carta de abril de 1981 contém divagações sobre o termo *Galo-das-trevas* (título do terceiro livro de memórias de Pedro Nava) e ao final uma promessa de envio do resultado de um exame de ácido úrico, aproveitando as vantagens da amizade com um médico. Este tipo de referência ao Nava como médico era comum nas cartas dos amigos, que aproveitavam a experiência do remetente e a intimidade de que desfrutavam para uma consulta médica via correio. Segundo Paulo Penido, poucos amigos procuravam Nava no consultório, pois sua especialização a partir de 1948 foi a reumatologia. Há um episódio narrado pelo sobrinho, que trabalhou com Nava de 1961 a 1967, que mostra como antes mesmo de ser um memorialista, foi um médico amigo de intelectuais:

Até o Nava morreu de rir, porque o Fernando (Sabino) era um atleta e chegou lá, dizendo que estava com uma dor no ombro. O Nava perguntou como a dor aparecia e então o Fernando deu uma cambalhota e começou a andar assim de cabeça para baixo, com as mãos no chão. E disse: Pois é, quando eu faço isso me dá uma dor no ombro... O Nava olhou para mim, piscou o olho e disse: Ah, é? Vou receitar um remédio e tudo vai passar. Quando o Fernando saiu me disse: É que o Fernando de vez em quando fica com saudade, marca uma consulta, inventa uma doença e vem até aqui bater um papo. Doutra feita, o Fernando Sabino foi atropelado de verdade e correu lá para o Nava, que então lhe disse em tom de blague: Pela primeira vez você me aparece aqui com uma coisa que eu posso tratar (NAVA, 1998, p. 31).

Em todas as missivas, Antonio Hoauiss iniciou o tratamento com “Meu querido Nava” e terminou com afetuosas despedidas, mandando abraços e beijos para a esposa do destinatário. Os protocolos epistolares usados nas cartas oscilam conforme a modalidade da epístola e a condição de quem a escreve, repercutindo na linguagem e na organização do discurso presente no papel (GÓMEZ, 2002, p. 40). Os tratamentos ini-

ciais e finais usados pelos amigos sabadoylianos mostram uma intimidade conquistada e projetam a relação existente entre o escritor e o receptor da carta.

O modernista pernambucano Joaquim Inojosa foi também, um frequentador assíduo da *Confraria literária* da casa de Plínio Doyle, onde escreveu e foi citado em várias *Atas*, que hoje são fontes para o estudo da vida literária no Rio de Janeiro, no período por elas compreendido. Muito do que se produziu e aconteceu em literatura foi registrado nelas: lançamentos de livros, novas obras, recebimento de prêmios, posses nas Academias de Letras, além do cotidiano das reuniões de sábado à tarde.

Para Pedro Nava, Inojosa enviou ao menos 3 cartões, todos do Rio de Janeiro entre 1974 e 1979, desejando melhoras de saúde, enviando recorte de jornal sobre o livro *Beira-mar* (quarto livro de Memórias) tratando o amigo como “Mestre”. Os cartões são curtos, sem muitas palavras, mas escritos de maneira afetuosa.

O advogado e historiador Américo Jacobina Lacombe (1909-1993) foi amigo de Doyle desde os tempos da faculdade. Foi um intelectual envolvido com as instituições culturais, eleito em 1974 para a *Academia Brasileira de Letras*, presidente do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, membro da *Academia Por-*

tuguesa de História e do *Instituto de Coimbra* e foi diretor da *Casa de Rui Barbosa* por cerca de 50 anos (DOYLE, 1999, p. 56).

Há apenas uma carta de Lacombe para Nava no acervo do memorialista, escrita em janeiro de 1974 contendo agradecimento do remetente pelo envio do livro *Balão cativo*, informando que a leitura ia muito bem.

O paulista Cândido Motta Filho (1897-1977), que foi eleito para ocupar uma cadeira na *Academia Brasileira de Letras* em abril de 1960, foi um jornalista envolvido com a política e lecionou diversas disciplinas em diferentes locais. Péricles Madureira de Pinho assim descreveu Cândido Motta Filho na *Ata* de 5 de fevereiro de 1977, lembrando a morte do amigo:

As nossas atas registram a vida. Não podem ser todas alegres. Hoje sepultou-se Cândido Mota Filho, um dos grandes das letras, e também das letras jurídicas. Aqui esteve, aqui deixou amigos – todos seus admiradores. Jornalista, crítico literário, professor de Direito, memorialista, figurou na juventude em grandes movimentos de renovação. E a pessoas humana era toda bondade. Mereceu a admiração de todos os brasileiros. Terá, com certeza, a saudade dos amigos (SENNÁ, 2000, p. 96).

Mota Filho foi também um dos frequentadores do *Sabadoyle* e enviou ao menos uma carta a Pedro Nava, em fevereiro de 1973. A epístola serviu como um elogio escrito a *Baú de ossos* registrando as impressões do amigo sobre o livro: “Nunca vi um Baú de Ossos com carne tão abundante e delicioso!” Uma carta que serviu para reforçar o grupo das críticas favoráveis registradas em papel às memórias de Nava.

Gilberto Mendonça Teles, o jovem frequentador da casa de Doyle nos sábados a tarde, enviou dois cartões a Pedro Nava, ambos em 1983, primeiramente uma cópia de dedicatória em verso em “A retórica do silêncio”, com modificação para futura publicação, e no segundo cartão uma cópia do poema “Sou um labirinto de ossos”, de autoria de Rosalvo Júnior. Os dois cartões trazem impressos o nome do remetente, num papel próprio para a escrita de cartas ou bilhetes, o que reforça a idéia da existência de uma cultura epistolar fortemente praticada entre os intelectuais desta época.

As cartas dos sabadoylios para Nava, com exceção das de Drummond e Arinos, não formam um conjunto numeroso de documentos, servindo mais como correspondências-rede do que como um *locus* de discussão intelectual.

Nem todos os amigos do *Sabadoyle* escreveram ao memorialista. Peregrino Júnior, que frequentava a casa de Plínio nos sábados à tarde, trocou missivas com Nava somente no período anterior às reuniões, tratando de um assunto que lhes era comum: a medicina. Outros sabadoylios assíduos ou eventuais como Homero Senna, Maximiano de Carvalho e Silva, Raul Lima, Luís Severo da Costa, etc, não constam como signatários de Nava no arquivo. Desta forma, como já afirmamos acima, as cartas não podem sozinhas mapear toda a rede de sociabilidade de um sujeito. A comunicação e a convivência entre os intelectuais também se dá em outras esferas do convívio e em outros *locus* sociais.

Essas cartas enviadas nos dias de semana foram mais interessantes por sua função do que pelo seu conteúdo, pois serviram mais para fortalecer e manter as sociabilidades do que como suportes para discussões e fomentações de novas idéias. São na maioria epístolas curtas que trazem elogios e palavras agradáveis.

A casa de Plínio Doyle tornou-se um local de sociabilidade intelectual e mais ainda da convivência amigável de uma geração quando as flores das idades já não tinham mais o viço juvenil.

As cartas enviadas pelos sabadoylianos a Nava tratam na maioria das vezes de assuntos rápidos, sem muitas discussões, nem muitas páginas. São cartas de homens em idade de compartilhar mais do que de discutir, que se consagraram intelectualmente e não precisavam das vaidades juvenis, desfrutando da experiência que só a maturidade traz. Em uma entrevista dada em março de 1984 à revista *Veja*, Nava falou da velhice como um tempo em que não se precisa mais dar tanta atenção às críticas: “Na velhice, como já me disse Carlos Drummond de Andrade, numa conversa que tivemos sobre as reações ao uso do palavrão na literatura, podemos dar bananas para a periferia”(NAVA, 1984, p.8). Também na *Ata* que escreveu em 30 de outubro de 1982, Nava falou da velhice como uma fase solitária, porém libertadora: “Precisamos nos preparar maduramente para que ela, (a solidão) na velhice, nos seja – não inimiga, mas a amiga e o bálsamo, não o castigo, mas a exaltação e a liberdade” (SENNA, 2000, p. 154).

Pedro Nava, ao falar dos motivos que o levaram a escrever suas memórias já em idade avançada, mostrou-se, como apontou Davi Arrigucci Jr.:

consciente da cota de narcisismo inevitável em todo livro de memórias, mas se esquivava, procurando se apagar no pudor mineiro de falar de si mesmo, como quem tivesse buscado antes o testemunho que a autobiografia pura e simples, preferindo a situação de espectador de seu tempo. Entrava, porém, a falar da vida encurtada na velhice, da nostalgia da plenitude vital, que seria preciso reviver pelo discurso da memória, sugerindo um certo desespero da finitude e uma necessidade premente de combater a morte a todo custo, encontrando razões novas para prosseguir vivendo e não acabar como velho suicida (ARRIGUCCI JUNIOR, 1987, p. 68).

Essas cartas dos sabadoylianos são de homens que se identificavam no gosto pela literatura e pelas artes, nas vivências de uma geração e que mesmo sem concordar em tudo, se elegeram nas afinidades. Um repórter perguntou a Nava, quando se descobre a velhice, e ele respondeu: “na comparação com os outros, os amigos de geração. A gente olha o amigo e pensa em como ele está acabado. Fulano está um caco, dizemos. Quando pronunciamos essa frase a respeito de um amigo, não há dúvida: a velhice chegou também para nós”. (ARRIGUCCI JR., 1987, p.68).

REFERÊNCIAS

FONTES

ANDRADE, Carlos Drummond de. Cartas de Carlos Drummond a Pedro Nava. Rio de Janeiro, set. 1947 a nov. 1983. Rio de Janeiro. Localização no arquivo: PN 38/AMLB/FCRB.

ANDRADE, Mário. Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond. Carta IV. In: ANDRADE, Mário de. *Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 45.

ANJOS, Cyro. Carta de Cyro dos Anjos a Pedro Nava. Brasília, nov. 1969 a fev. de 1984. Brasília e Rio de Janeiro. Localização no arquivo: PN48/AMLB/FCRB.

BOPP, Raul. Telegrama a Pedro Nava. Rio de Janeiro, jan. 1974 a dez. 1974. Localização no arquivo: PN 128/AMLB/FCRB.

BRITO, Mário da Silva. *Cartola de mágico*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.

BRITO, Mário da Silva. Cartas de Mário da Silva Brito a Pedro Nava. Rio de Janeiro, jan. 1977 e mar. de 1978. Localização no arquivo: PN 143/AMLB/FCRB.

DOYLE, Plínio. Bilhete de Plínio Doyle a Pedro Nava. Bilhete sem data. Sem local. Localização no arquivo: PN317/AMLB/FCRB.

FILHO, Alphonsus de Guimarães. Rio de Janeiro, mai. de 1977. Localização no arquivo: PN 436/AMLB/FCRB.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Cartas de Afonso Arinos a Pedro Nava. Washington e Porto, out. 1959 a set. 1981. Localização no arquivo: PN385 /AMLB/FCRB.

HOUAISS, Antônio. Cartas de Antônio Houaiss a Pedro Nava. Rio de Janeiro, ago. 1974. Localização no arquivo: PN 455/AMLB/FCRB.

INOJOSA, Joaquim. Cartões de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro, jun. 1974 a jan de 1979. Localização no arquivo: PN 460/AMLB/FCRB.

LACOMBE, Américo Jacobina. Carta a Pedro Nava. Rio de Janeiro, jan. 1974. Localização no arquivo: PN 493/AMLB/FCRB.

MOTA FILHO, Cândido. Carta a Pedro Nava. Rio de Janeiro, fev. 1973. Localização no arquivo: PN 630/AMLB/FCRB.

NAVA, Pedro. Entrevista. *Veja*, p.8, 28 mar. 1984. Seção Entrevista.

PELEGRINO, Hélio. Cartas de Hélio Pelegrino a Pedro Nava. Rio de Janeiro, jan. de 1973 a mar. de 1983. Localização no arquivo: PN 696/AMLB/FCRB.

SENNA, Homero. *O Sabadoyle*: história de uma confraria literária. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

TELES, Gilberto Mendonça. Cartões de Gilberto Mendonça Teles a Pedro Nava. Rio de Janeiro, fev. a ago. de 1983. Localização no arquivo: PN 902/AMLB/FCRB.

BIBLIOGRAFIA

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Móbile da memória. In: ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário*: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 67-111.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Crystina Venancio (org.) *Destinos das letras*. História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *The Field of Cultural Production*. Cambridge: Polity Press, 1993.

DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa Rui Barbosa, 1999.

GOMES, A.C. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FVG, 2004. p. 51-75

GÓMEZ, Antonio Castillo. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Câmara, CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Crystina Venâncio (orgs.). *Destinos das letras*: História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002. p.13-55.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, R., BICALHO, M. F. B., GOUVEA, M.F.S (orgs.). *Culturas políticas*. Ensaios de histórica cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005. p. 259-284.

KAZ, Stela. Uma leitura sensorial de Pedro Nava. *Fundação Casa Rui Barbosa*, Rio de Janeiro. Dispo-

nível em: <www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/kFCRB_StelaKaz_LeituraSensorial.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2010.

NAVA, Pedro. *O bicho urucutum*. Seleção de textos de Paulo Penido. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: EdUNESP, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996. p.234-241.

TREBITSCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. *Les Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Present - Sociabilites intellectuelles*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, n. 20, p.11-21, mar. 1992.

TREBITSCH, Michel. Correspondances d'intellectuels: le cas des lettres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947). *Les Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Present - Sociabilites intellectuelles*. Centre National de la Recherche Scientifique, n. 20, p.70-84, mar. 1992.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Artigo recebido em: 02/08/2010

Aprovado para publicação em: 31/08/2010